

PAÍS

ENTREVISTA

Jarbas Vasconcelos, governador de Pernambuco (PMDB)

'Um tertius para o Congresso'

CHRISTIANE SAMARCO/AE

O governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos (PMDB), julga que houve interferência do Executivo na sucessão do Congresso a ponto de cobrar do governo do PT "respeito à democracia no Senado". Mas ele não responsabiliza exclusivamente o Palácio do Planalto pela situação. "A interferência do governo é real, mas ocorre fundamentalmente por conta dos desencontros do PMDB. O problema é que o PMDB vive dividido, é um saco de gato, e o governo não pode ser responsabilizado pela desunião do partido", avalia.

Crítico do senador José Sarney, a quem se refere como "um corpo estranho no PMDB", Jarbas diz que a melhor saída para pôr fim à disputa entre o ex-presidente e o líder Renan Calheiros (PMDB-AL) pelo comando do Congresso é buscar uma terceira via. "Se não dá Sarney e se não dá Renan, o partido deveria procurar alternativa. Um tertius é melhor para o Congresso", sugere. Mas seja qual for o desfecho da sucessão no Senado, o governador é cético no que se refere à reunificação do partido. Ele não vê possibilidade nenhuma de o PMDB se unir a curto prazo e poucas chances de isso acontecer a médio prazo. "O PMDB só conseguiu correr no mesmo leito quando lutava unido contra a ditadura."

Como o senhor vê o movimento do PMDB rumo ao governo?

JARBAS - É possível que esse movimento se torne majoritário de uma forma positiva e passe por uma decisão partidária. É um processo de maioria.

Mas seja qual for o final do processo o senhor vai se manter na oposição?

Nesta hipótese, eu serei um dissidente. Isto é um processo. E pelo o que eu conheço de Lula e pelo que ele disse em Pernambuco, se o PMDB tiver que participar do governo, ele não vai querer fazer composição com a facção vencedora ou vencedora do partido. Quer fazer com o PMDB. Mas acho esta discussão de participação no governo uma discussão menor. O debate que interessa é o das reformas.

O senhor não teme acabar como baluarte solitário da oposição no PMDB?

Não quero este papel não. Quero para mim um papel racional, modesto. Estou interpretando fielmente o resultado das urnas. Não criei isto. Na conversa que tive com Lula aqui em meu gabinete há uma semana, ele fez várias referências elogiosas à minha vida política partidária.

E que reforma o senhor apontaria como a reforma-não, a principal?

A mais importante é a política, que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso não fez, embora tenha vencido em primeiro turno e tenha tido tempo suficiente para fazê-la.

Não lhe parece que o PT está repetindo este caminho no governo, na contramão de seu próprio discurso?

Não vejo ninguém falar em reforma política, embora ela vá se dar dentro do Congresso. Minha relação com a atual executiva do PMDB é zero, mas esta é a direção do PMDB. Como é que se vai pensar em reforma política se o PT não mantém diálogo institucional com o partido e se a discussão se dá em torno de uma candidatura avulsa no Senado, cujo vencedor presidirá o Congresso Nacional?

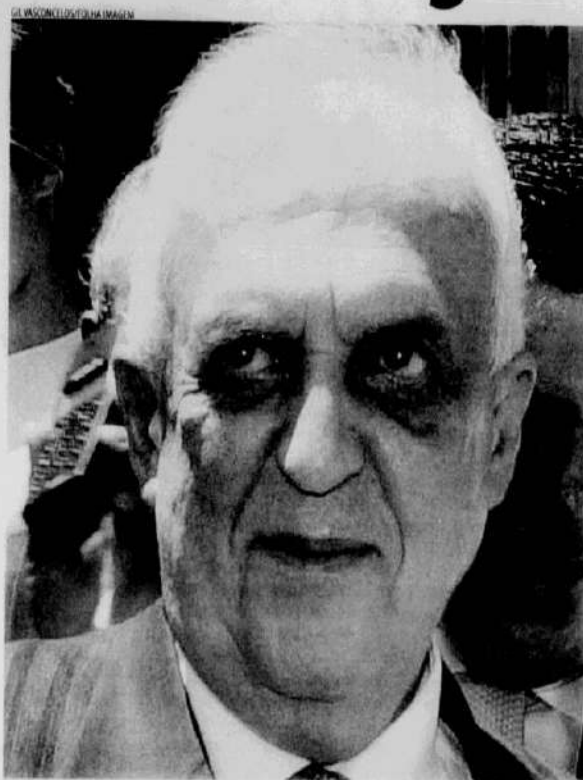
O sr. avalia que o adiamento da escolha do candidato do PMDB à presidência do Senado é fruto da interferência do governo na sucessão de outro Poder?

A interferência do governo não é uma coisa boa para um governo de mudança que quer fazer uma reforma política, mas não considero que isto seja o fundamental. Se o PMDB tivesse unidade, já tinha resolvido esta questão de presidência do Senado.

Mas o PT não está operando no racha do PMDB para mudar sua hegemonia e, a partir daí, trabalhar pela unidade em torno do governo Lula?

Pode até haver alguns setores do PT operando do racha, mas não creio que a orientação presidencial seja esta não. A Lula não interessa governar com uma facção do partido. É no que se refere ao Congresso, o PT e o presidente Lula podem ter suas preferências e é até natural que as tenham.

O sr. concorda com a tese de setores do partido de que a vitória do PT mudou o quadro e precipita



'Ninguém neste País discute as boas intenções do Lula'

mudanças no comando partidário?

Isto não tem nada a ver. Quem definiu o apoio a Serra foi a convenção nacional do partido. Quem apoiou Lula foi dissidente; descumpriu a decisão da convenção.

Mas o sr. é ou não favorável a que se abra espaço na direção partidária para os que apoiaram Lula na eleição?

O ideal é fazer uma composição, independentemente do tamanho dessa dissidência. Afinal, a dissidência tem governadores eleitos, como Roberto Requião, do Paraná, e Luiz Henrique da Silveira, de Santa Catarina. São dois Estados muito importantes e a participação deles na direção eu entendo como uma coisa natural.

O sr. diria que é natural e inevitável, já que os dissidentes programam nova convenção para 16 de fevereiro?

Esse movimento para antecipar a convenção é uma coisa de Sarney e passou a girar em torno dos interesses da candidatura dele.

O sr. é contra esta convenção?

Sou. Não vejo porque marcar uma convenção para apreciar o resultado das urnas, se fomos derrotados. As

urnas nos mandaram para a oposição e não tem outra leitura. Dar uma outra leitura é forçar a barra.

Mas até os que ficaram com José Serra até o fim argumentam que, hoje, a única forma de unir o partido é em torno do novo governo.

Depende do que se considera apoio ao governo. Se for em torno das reformas, quem é que vai ficar contra a reforma da Previdência, a tributária, a reforma política? Se de repente Lula transforma tudo isto que o Brasil inteiro reclama em uma grande pauta do Congresso Nacional, fazendo a agenda das reformas, ninguém ficará na contramão.

Se o PMDB se coloca na condição de parceiro nas reformas, o próprio PT acha que isto aponta para a participação do partido no governo.

Eu não entendo nada disso. Entendo que o PMDB deva ser oposição pelo raciocínio do resultado eleitoral.

Mas 12 regionais do partido votaram em Lula, contra a decisão da convenção. Se apenas a metade do partido foi derrotada nas urnas e a outra se julga vitoriosa, como é que se faz a unidade?

Tudo isto para mim não é novidade. O PMDB é isto mesmo: um saco de gatos, um partido cheio de grupos, facções. E o fato de estar dividido agora, uma banda para cada lado, não é um fato inusitado. Infelizmente, é um fato normal, corriqueiro dentro do PMDB.

Mas pode mudar?

Não vejo como resolver isto do dia para a noite não. Este acodamento não se justifica. Só está ocorrendo porque Sarney quer ser presidente do Senado a todo custo porque virou lulista.

O sr. acha que o senador Sarney está contribuindo para aprofundar o racha interno?

Pode contribuir na proporção em que, primeiro, ele não tem nenhuma vinculação com o PMDB, é um corpo estranho dentro do partido.

Mas depois de quase 20 anos de PMDB ele ainda é um corpo estranho?

Ele não tem vínculo com o partido porque até os filhos (a senadora Roseana Sarney e o deputado Sarney Filho) estão no PFL. Nunca vai a convenção e, quando vai, não respeita o resultado. Se não respeitou a convenção que mandou votar em Serra, para que outra convenção agora? O Sarney não tem nenhuma autoridade para pedir convenção extraordinária.

Mas entre a convenção e a urna, houve a crise política entre Serra, o governo passado e a família Sarney, por causa da invasão de uma empresa de propriedade da governadora Roseana e o fim de sua candidatura presidencial.

O problema que aconteceu não foi criado por Serra, foi criado por eles. Quem conhece Serra sabe que ele não é dado a este tipo de coisa, embora na época eleitoral a acusação tenha pegado e parte da população acredite nisso.

O senhor não acha sequer viável construir a unidade partidária no apoio a Lula a partir de uma agenda de reformas?

Isto eu acho viável. Mas até agora o presidente Lula só se concentrou no combate à fome. É natural, porque são apenas duas semanas de governo, mas o fato é que ele ainda não conseguiu explicitar qual o rumo das reformas. A previdenciária já começa com idas e vindas. E só a reforma da Previdência e a tributária vão praticamente tomar a pauta do Congresso Nacional. Ninguém neste País discute as boas intenções do Lula. Mas se isto vai se transformar em realidade e dar certo, só o tempo dirá, embora eu torça para isto como cidadão, como político e como governador. Se o Lula transforma tudo isto rapidamente em um modelo de reformas, terá não só o apoio do PMDB, mas o apoio majoritário do País.